

Inquérito sobre um navegador enigmático Francisco Gali e as suas viagens transpacíficas¹

RUI MANUEL LOUREIRO *

RESUMO: O cronista português Diogo do Couto, numa das suas *Décadas da Ásia* concluída em 1600, integra um capítulo intitulado «De como Francisco de Gale foi por ordem de ElRey descobrir a Costa da nova Hespanha de 40. grãos pera cima : e da derrota que levou desde o porto de Acapulco até Japão, e dahi até tornar ao mesmo porto», indicando que teria tido acesso a uma relação de viagem escrita pelo próprio navegador, que fora enviada ao vice-rei da Nova Espanha. Quem era este Francisco Gali, que em 1584-1585 cometeu a singular proeza de conduzir um navio através do Oceano Pacífico em ambos os sentidos, seguindo rotas pouco frequentadas pelas embarcações espanholas, no trajecto entre Acapulco e Manila? E como chegou o seu relato às mãos de Diogo do Couto? Haverá alguma relação com um roteiro manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, que coincide com a versão que Couto transmite da viagem? É esse o propósito do presente texto: sistematizar as informações disponíveis sobre Francisco Gali, contextualizar as suas aventurosas andanças e desvendar as vias de circulação do roteiro por ele produzido, que conheceu um extraordinário sucesso europeu através da publicação no *Reys-gheschrift* de Jan Huygen van Linschoten em 1595. Complementarmente, publica-se em apêndice o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Gali; Jan Huygen van Linschoten; Diogo do Couto; Oceano Pacífico; Literatura de viagens; Intertextualidade.

Há alguns anos, tive oportunidade de realizar uma investigação bastante detalhada sobre as fontes utilizadas nas *Décadas da Ásia* de Diogo do Couto. O célebre escritor português viveu mais ou menos permanentemente na costa ocidental da Índia entre 1559 e 1616, data do seu desaparecimento. Em 1595 foi nomeado como cronista-mor das coisas da Índia pelo rei Felipe II de Espanha (e I de Portugal, pois estava-se

então no período da chamada União Ibérica), sendo-lhe atribuído o encargo de continuar as crónicas orientais publicadas por João de Barros. Estas tinham abrangido o período de três décadas, compreendido entre a viagem de Vasco da Gama e o ano de 1539, pois na altura, a *Década Quarta* de Barros estava ainda inédita.² Durante a fase final da sua vida, Diogo do Couto trabalhou intensamente, decerto com base em mate-

Rui Manuel Loureiro é doutorado em História pela Universidade de Lisboa. Actualmente é professor do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, e também investigador no Centro de Humanidades, uma unidade de investigação partilhada entre a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade dos Açores. É membro da Academia de Marinha. Publicou mais de uma centena de trabalhos académicos, entre livros, catálogos, artigos e comunicações. Tem-se especializado na história dos contactos ibéricos com o mundo oriental nos séculos XVI e XVII.

Rui Manuel Loureiro holds a PhD in History from the Universidade de Lisboa. He is currently a professor at the Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes in Portimão and also a researcher at the Centro de Humanidades, a research unit shared between the Universidade Nova de Lisboa and the Universidade dos Açores. He is a member of the Academia de Marinha, the academic institution of the Portuguese Navy. He has published more than a hundred academic works, including books, catalogs, articles and communications. He has specialized in the history of Iberian contacts with Asia in the sixteenth and seventeenth centuries.

riais compilados ao longo de muitos anos, e preparou um conjunto de nove *Décadas da Ásia*, abrangendo da quarta à décima segunda. Estas crónicas seriam depois editadas a-pouco-e-pouco, três delas antes da morte do cronista, as outras postumamente. A história das *Décadas da Ásia* é assaz complicada, e verdadeiramente rocambolesca, mas é bem conhecida, pelo que não valerá a pena voltar aqui a esse assunto.³



Retrato de Diogo do Couto. In Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 18-19

Como resultado da investigação a que me referi, publiquei em Macau, em 1998, um livro sobre *A Biblioteca de Diogo do Couto*,⁴ no qual tratei exaustivamente os métodos de trabalho do cronista e identifiquei as muitas dezenas de textos a que ele recorreu para escrever as suas *Décadas*, num verdadeiro trabalho

de «copy/paste», como hoje diríamos. A utilização do conceito de plágio relativamente a esta época é bastante problemática, mas Diogo do Couto aparece mais como um compilador de textos alheios, do que propriamente como um escritor original. Mas essas seriam então as funções de um *cronista*, compilar de forma mais ou menos competente as memórias de sucessos passados, utilizando um alargado conjunto de fontes preparadas por outros autores.

Os sucessos narrados nas *Décadas da Ásia* respeitam normalmente ao chamado Estado da Índia e aos seus principais centros estratégicos (Goa, Malaca, Ormuz, etc.). Mas aqui e ali, ao longo das páginas das suas crónicas, Diogo do Couto introduz algumas narrativas atípicas, que se reportam a eventos relevantes ocorridos nas *periferias imperiais*, e não directamente relacionados com as linhas gerais da sua narrativa cronística. Tal sucede a determinado passo da *Década Décima* (que abrange os anos de 1580 a 1588), na qual o cronista introduz um capítulo intitulado:

«De como Francisco de Gale foi por ordem de ElRey descobrir a Costa da nova Hespanha de 40. grãos pera cima : e da derrota que levou desde o porto de Acapulco até Japão, e dahi até tornar ao mesmo porto».⁵

É este enigmático «Francisco de Gale», como lhe chama o cronista português, que pretendo abordar neste texto, pois trata-se de um personagem assaz interessante, mas sobre o qual quase nada se sabe.⁶

Neste caso particular, Diogo do Couto declara explicitamente a origem da sua fonte, pois escreve que este seu capítulo se baseou «numa relação» que o próprio Francisco Gale enviara de toda a sua jornada «ao Viso-Rey de nova Hespanha, a qual nos veio ter á mão».⁷ Sublinhemos esta expressão, «a qual nos veio ter á mão», pois escrita por Couto não significa obrigatoriamente que o sujeito da oração seja ele próprio; em muitos dos capítulos das suas *Décadas da Ásia*, é frequente o cronista copiar declarações idênticas de outros autores, assumindo a paternidade de textos que foram comprovadamente escritos por outros. Assim,

ROTAS MARÍTIMAS

coloca-se desde logo uma dúvida: Como chegou a Goa, e alegadamente às mãos de Diogo do Couto, a relação da viagem de «Francisco de Gale», que teria sido enviada ao vice-rei da Nova Espanha? Mas já voltarei a esta questão.

Quem era então este homem, que cometeu a singular proeza de conduzir um navio através do Oceano Pacífico em ambos os sentidos, nos últimos anos do século XVI, seguindo rotas pouco frequentadas pelas embarcações espanholas,⁸ no trajecto entre Acapulco e Manila? Nada de especial se consegue apurar sobre as origens de «Francisco de Gale». Seria porventura espanhol? Em caso afirmativo, de que região de Espanha? Ou seria antes italiano? Onde teria vivido os seus primeiros anos? E que tipo de formação teria obtido? Ainda não se conhece documentação que permita responder a estas questões básicas. Sabe-se apenas que no início da década de 1580 andava pela Nova Espanha, onde se entregava a actividades de cariz náutico.

A referência mais antiga que se consegue localizar diz respeito a um mapa desenhado nos primeiros meses de 1580 por um tal «Francisco Stroza Gali», que consta da «Relación geográfica de Tlaxcala».⁹ A semelhança do nome e o contexto da referência asseguram-nos que se trata certamente do mesmo homem, sugerindo o nome «Stroza» alguma eventual ligação italiana. As «Relaciones Geográficas» resultaram de encomendas expressas de el-rei Felipe II e de alguns dos seus mais próximos colaboradores em matérias ultramarinas. A partir de 1569, sucessivas ordens foram emitidas em Espanha para que nas regiões americanas ocupadas pelos espanhóis se procedesse a um levantamento sistemático de informações sobre as terras e as gentes, a partir de um guião comum, previamente definido, o qual foi depois sendo aperfeiçoado. Este monumental projecto de levantamento geográfico do Novo Mundo foi paulatinamente executado ao longo de um alargado período de tempo, com a colaboração de uma vasta multidão de informadores e de redactores, e também de cartógrafos, pois muitas das «relaciones» eram acompanhadas por «pinturas», isto é, cartas ou mapas mais ou menos detalhados.¹⁰

Tal é o caso da «Relación de Tlacotalpan y su partido», uma região da costa oriental da Nova Espanha, que é ilustrada por uma detalhada carta náutica, a qual inclui uma legenda perfeitamente explícita quanto à respectiva autoria.¹¹ Trata-se de um minucioso levantamento cartográfico de uma pequena porção do litoral da Nova Espanha, e do respectivo hinterland, com numerosos topónimos, cursos de água, indicações de latitudes, um tronco de léguas, e uma rosa-dos-ventos. A legenda refere que a carta foi desenhada por «El capitán francisco stroza gali como persona que a andado y sondado todas las alturas y partes aqui contenidas».¹² É evidente que a carta foi traçada por alguém com habilitações técnicas e conhecimento do terreno, sugerindo, pois, que Francisco Gali era um piloto experiente e um hábil cartógrafo.

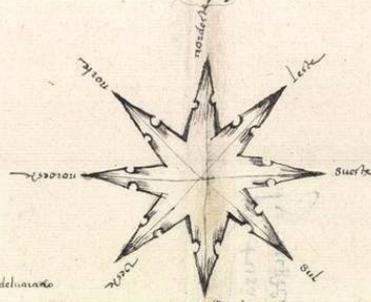
Nada se consegue apurar sobre as actividades de Gali anteriores a Fevereiro de 1580, quando subscreveu este documento. Provavelmente teria participado em diversas missões navais ao largo da Nova Espanha, acumulando experiência como navegador e como cartógrafo. Mas poucos meses mais tarde, em Abril de 1580, Francisco Gali desenhava uma nova carta com idênticas características, desta vez de uma região um pouco mais a sudeste, Coatzacoalcos, e essa carta seria também incorporada na respectiva «Relación geográfica».¹³ O piloto e cartógrafo seguiria logo depois para a contracosta americana, pois anda-lhe também atribuída uma das cartas de Tehuantepec, no litoral do Pacífico, desenhada em Outubro de 1580, que ilustra a respectiva «Relación geográfica».¹⁴ Trata-se de um exemplar cartográfico não assinado, ao contrário dos outros dois, mas cujas características parecem apontar para uma possível autoria de Francisco Gali.¹⁵

O nosso piloto terá eventualmente subido até Acapulco, pois em Março de 1582 dali largava com rumo às Filipinas, onde chegaria alguns meses mais tarde, capitaneando o galeão de Manila. A sua carreira nos anos seguintes pode ser reconstituída através de alguma documentação dispersa de origem sobretudo espanhola, e também com o auxílio de diversas

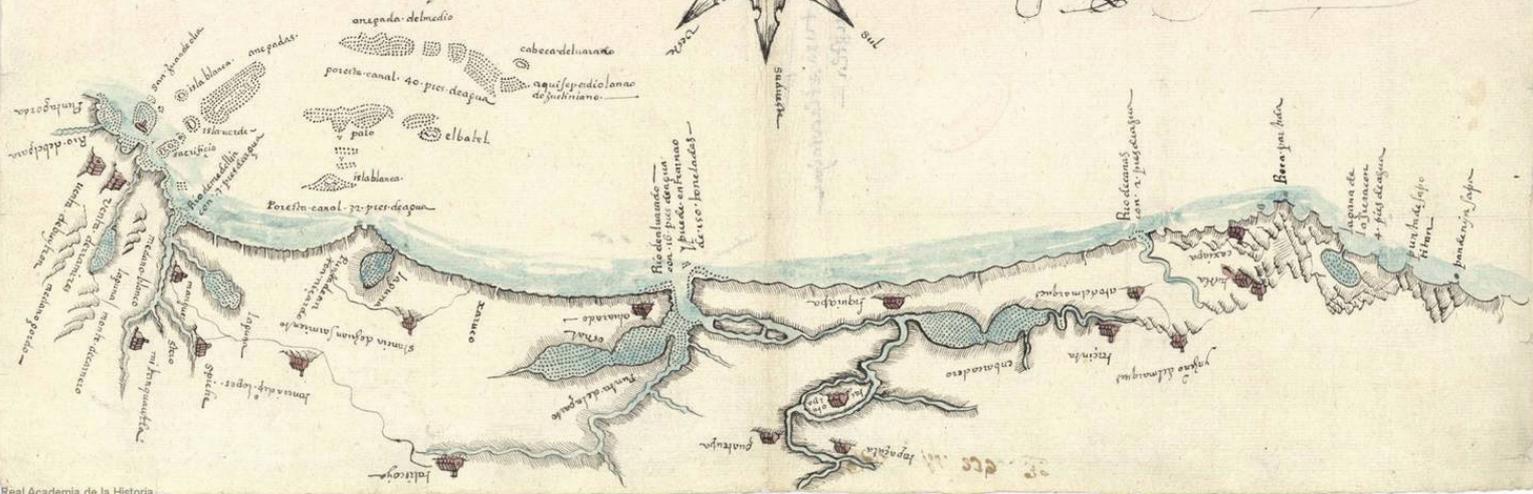
memoria de la latitud septentrional en que esta situada la tierra desta descripcion
 Verdadera y fielmente situada
 x sant juan de olua en 18 grados y 12 minutos
 x punta deanton nicardo en 18 grados y 8 minutos
 x boca de alvarado en 17 grados y 52 minutos
 x Roca partida en 17 grados y 22 minutos
 x Tacotalpa en 17 grados y 48 minutos
 x Taliscoya en 18 grado
 x Huftla en 17 grados y 15 minutos
 x Tacinta en 17 grados y 30 minutos
 x Quatecupa y lapacuala en 17 grados y 50 minutos

6

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 medida de leguas



Y esta es la ciudad de Izoalco...
 Juan de Medina
 Francisco Gali



Mapa de Tlacotalpan (1580) In <http://bibliotecadigital.rah.es/>

relações de viagem que escreveu, algumas das quais conheceriam ampla circulação impressa na Europa. A relação da viagem realizada por Francisco Gali em 1582, entre Acapulco e Manila, foi publicada poucos anos depois por Jan Huygen van Linschoten, numa das secções do seu famoso *Itinerario*, compilação originalmente publicada em Amesterdão em 1595-1596. A secção roteirística desta obra – conhecida como *Reysgheschrift van de navigatien der Portugaloyers in Orienten* ou ‘Roteiro das Navegações dos Portugueses no Oriente’ – incluía várias dezenas de textos náuticos que o autor conseguira obter durante os seus anos de residência na Índia. Linschoten tinha embarcado em Lisboa para o Oriente em 1583, como secretário do arcebispo de Goa, D. Vicente da Fonseca, e no desempenho das suas funções, algo surpreendentemente, conseguira ter acesso a uma enorme quantidade de

materiais geográficos e cartográficos, de natureza reservada, sobre terras, mares e gentes asiáticas.

Regressado aos Países Baixos em 1592, o holandês publicou uma informada relação das suas andanças orientais, o *Itinerario* propriamente dito, bem como um alargado conjunto de materiais de natureza histórica, geográfica, cartográfica e roteirística que conseguira reunir em Goa.¹⁶ O *Reysgheschrift*, que seria logo de seguida traduzido e publicado em várias línguas europeias, incluía três textos de Francisco Gali:

- Um roteiro da viagem Acapulco – Manila, realizada em 1582 (cap. 52).
- Um roteiro da viagem Manila – Macau, realizada em 1584 (cap. 53).
- Um roteiro da viagem Macau – Acapulco, realizada em 1584 (cap. 54).¹⁷

ROTAS MARÍTIMAS

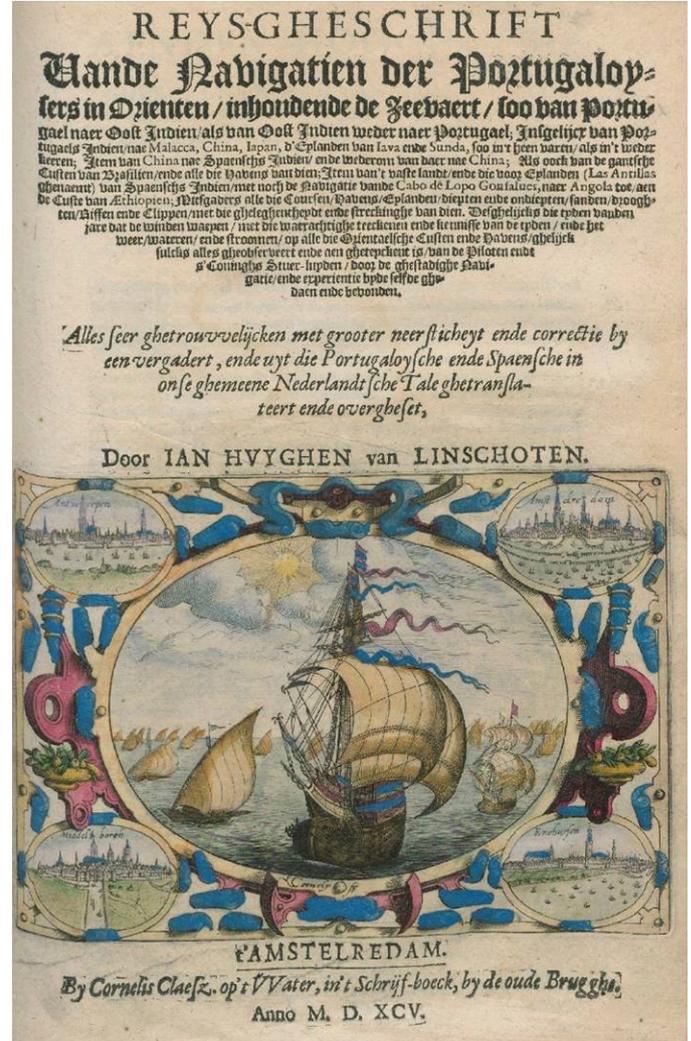
O estudo da origem das fontes utilizadas por Linschoten está ainda em grande parte por fazer. Mas é provável que as cópias dos dois primeiros textos tivessem chegado às suas mãos por intermédio de Dirck Gerritsz Pomp, um seu compatriota que em diversas ocasiões cruzou o Mar do Sul da China em navios portugueses, visitando nomeadamente Macau em 1584-1585, onde poderá ter obtido os roteiros de Francisco Gali, que por esses anos também por lá passou. Linschoten e Dirck Gerritsz cruzaram-se em Goa ao menos duas vezes, uma delas em 1588, após o regresso do segundo de uma viagem ao Japão, e seguiram juntos para a Europa neste último ano, a bordo de uma nau portuguesa.¹⁸ A forma como o terceiro roteiro chegou a Goa, e Linschoten a ele teve acesso, é mais enigmática, mas decerto envolverá relações de colaboração próxima

entre pessoal técnico em serviço em navios portugueses e espanhóis no eixo Manila – Macau, pois o referido texto teria certamente vindo das Filipinas. E o mesmo Dirck Gerritsz, que exercia funções de condestável, poderia ter sido o indispensável intermediário.

O primeiro texto descreve de forma roteirística a longa viagem entre Acapulco, na Nova Espanha, e Cavite, o porto da ilha de Luzon que servia Manila.¹⁹ Será decerto um dos mais antigos roteiros desta viagem que se conservam. Meia dúzia de linhas são dedicadas à travessia do Pacífico, mas a partir das ilhas das Velas (ou Marianas) as instruções de navegação tornam-se mais detalhadas, descrevendo a rota com algum pormenor – incluindo direcções, distâncias, conhecenças, etc. – até às imediações de Manila. Chegado a esta cidade em meados de 1582, Francisco Gali demorou-se nas Fili-

Itinerario de Jan Huygen van Linschoten (Amesterdão, 1595). In Jan Huygen van Linschoten, *Itinerario*, ed. Arie Pos & Rui Manuel Loureiro.

Reys-gheschrift de Jan Huygen van Linschoten (Amesterdão, 1595) . In <http://objects.library.uu.nl>.



pinas cerca de dois anos. Não é improvável que durante este período participasse em missões marítimas no arquipélago filipino, mas não se encontram referências concretas às suas eventuais actividades.

O segundo texto descreve de forma muito resumida a rota entre Cavite e Macau.²⁰ Durante o período da União Ibérica, entre 1580 e 1640, as ligações marítimas entre Manila e Macau intensificaram-se.²¹ Embora fossem repetidamente emitidas instruções régias, a partir de Espanha, desencorajando contactos demasiado intensos, era frequente embarcações mercantis de ambos os portos efectuarem a jornada, regra geral por motivos meramente comerciais, mas por vezes também em missões oficiais ordenadas pelas autoridades portuguesas ou espanholas. Tal foi o caso da viagem de Francisco Gali a Macau, expressamente encomendada por Diego Ronquillo, que durante alguns meses de 1584 foi governador das Filipinas. Com efeito, no ano anterior, o galeão de Manila, que normalmente se faria à vela para Acapulco, sem outras escalas asiáticas, rumou a Macau, por motivos não de todo esclarecidos, e ao que parece contra a vontade do respectivo capitão, Francisco de Mercado y Andrade. Tudo leva a crer que um grupo de passageiros oriundos do Peru que se encontravam a bordo, conluídos com os oficiais do galeão, pretendiam adquirir na costa da China mercadorias chinesas, para potenciarem os ganhos da longa viagem de regresso à Nova Espanha.²² É evidente que as notícias da União Ibérica, que tivera lugar na longínqua Europa, despertavam nos meios espanhóis ultramarinos enormes expectativas sobre as possibilidades de futuro acesso à China.²³

Francisco Gali navegou de Manila para Macau em Maio de 1584, a bordo de uma galeota, na companhia do feitor régio Juan Bautista Román, que fora encarregado de resolver a situação do galeão rebelado, e também do jesuíta Alonso Sanchez, um dos mais acérrimos defensores do projecto espanhol de conquista espanhola da China.²⁴ Juan Bautista Román escreveria pouco depois sobre Gali que «allende de ser escogido piloto y cosmógrafo es soldado y hombre prudente».²⁵

No porto de Macau, onde no ano anterior Felipe II fora aclamado como rei de Portugal e das suas possessões ultramarinas, a expedição espanhola encontrou de facto o galeão *San Juan Bautista*, como é designado em algumas fontes. O feitor Bautista Román julgou e sentenciou os amotinados, e posteriormente encarregou Gali de comandar o navio desviado e conduzi-lo a Acapulco, encargo que decerto já lhe teria sido confiado em Manila.²⁶ O terceiro texto de Francisco Gali publicado no *Reys-gheschrift* de Linschoten narra precisamente esta jornada entre Macau e Acapulco, que seguiu uma rota perfeitamente inovadora, no contexto da navegação espanhola do Pacífico.²⁷

Largando do porto de Macau, o navio de Francisco Gali passou primeiro ao largo da ilha Formosa e dos Léquios, contornando depois pelo leste o arquipélago nipónico, para de seguida se engolfar nas zonas mais setentrionais do Pacífico, talvez nas proximidades dos 40 graus de latitude, seguindo uma rota decerto nunca antes cruzada por embarcações europeias. A primeira secção da viagem, até às proximidades do Japão, foi guiada por um piloto chinês, identificado no roteiro de Linschoten como «Santy de Chinchon», decerto originário da província de Fujian. Tratava-se de caminhos bem conhecidos, não só dos navegadores chineses envolvidos no tráfico com o Japão, mas também dos portugueses, que desde meados do século XVI viajavam regularmente do litoral da China para as ilhas do Japão.²⁸ Mas depois de ultrapassar as ilhas nipónicas, Francisco Gali entrava em mares desconhecidos, pois a viagem dos galeões de Manila, operacional desde 1565, nunca se aproximava tanto do Japão, rumando de Luzon para nordeste, normalmente por latitudes mais baixas, em os 35 e os 37 graus.²⁹

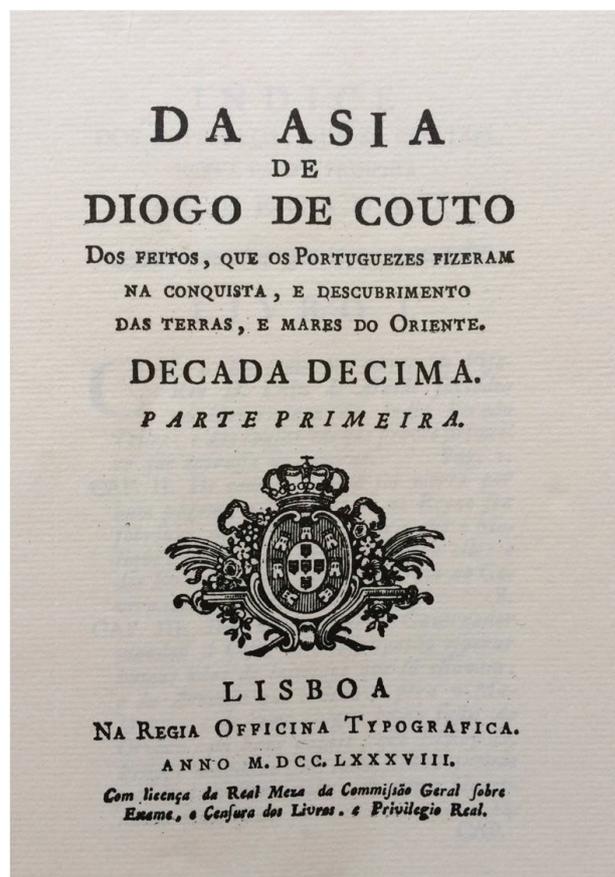
O roteiro desta viagem contém informações originais, misto de experiência concreta de navegação e de rumores colhidos junto de mareantes portugueses e asiáticos. Francisco Gali alude a umas ilhas que ficariam para leste do Japão, em altas latitudes, onde existiria abundância de ouro. Poderia tratar-se de um avistamento de algumas das ilhas que se situam para

ROTAS MARÍTIMAS

nordeste da extremidade mais oriental da ilha japonesa de Hokkaido. Mas o facto de se referir no roteiro a existência nestas ilhas de metais preciosos teria alguma repercussão nos meios náuticos espanhóis, dando origem ao mito das ilhas «Rica de Oro» e «Rica de Plata», localizadas algures nas regiões setentrionais do Pacífico, que seriam repetidamente buscadas por expedições posteriores e representadas em alguma cartografia ibérica.³⁰ O roteiro alude também, com base nas características de ventos e correntes encontrados na grande travessia de muitas centenas de léguas, à possível existência de uma passagem marítima entre a terra firme da Nova Espanha e a «Tartarie ou Asie Septentrionale».³¹ A costa americana seria encontrada por volta dos 37½ graus de latitude, à altura aproximada da actual cidade de São Francisco, prosseguindo depois o galeão espanhol para sul, ao longo do litoral, até ao porto de Acapulco, num caminho que é cuidadosamente descrito no roteiro de Gali. Esta última secção da viagem não constituiria já grande novidade para os navegadores espanhóis, pois o seu reconhecimento fora efectuado anteriormente.³²

Poucos anos mais tarde, estes três roteiros de Francisco Gali chegariam às mãos de Diogo do Couto, que os incorporaria, como foi referido, na sua *Década Décima*.³³ É pouco provável que o cronista português tivesse tido conhecimento da edição holandesa do *Itinerario* e do *Reys-geschrift*, publicados numa língua que não dominava. Mas poderia decerto ter obtido cópias manuscritas destes documentos por intermédio de Linschoten, ou de algum conhecido comum, já que ambos coincidiram em Goa durante vários anos, na década de 1580. Esta *Década* de Diogo do Couto, contudo, embora tivesse sido remetida para Portugal em 1600, com vista à respectiva impressão, só seria publicada pela primeira vez muitos anos mais tarde, em 1788, incluída na monumental edição das *Décadas* coutianas levada a cabo em Lisboa pela Régia Oficina Tipográfica.³⁴ Não foi pois por esta via que os roteiros de Gali circularam na época, mas sim através das versões de Linschoten.

Entretanto, a lição dos roteiros transmitida por Diogo do Couto coincide basicamente com os textos publicados por Linschoten, com excepção de algumas adendas da responsabilidade do cronista português.



Década Décima de Diogo do Couto (Lisboa, 1788). In <http://purl.pt/7030>.

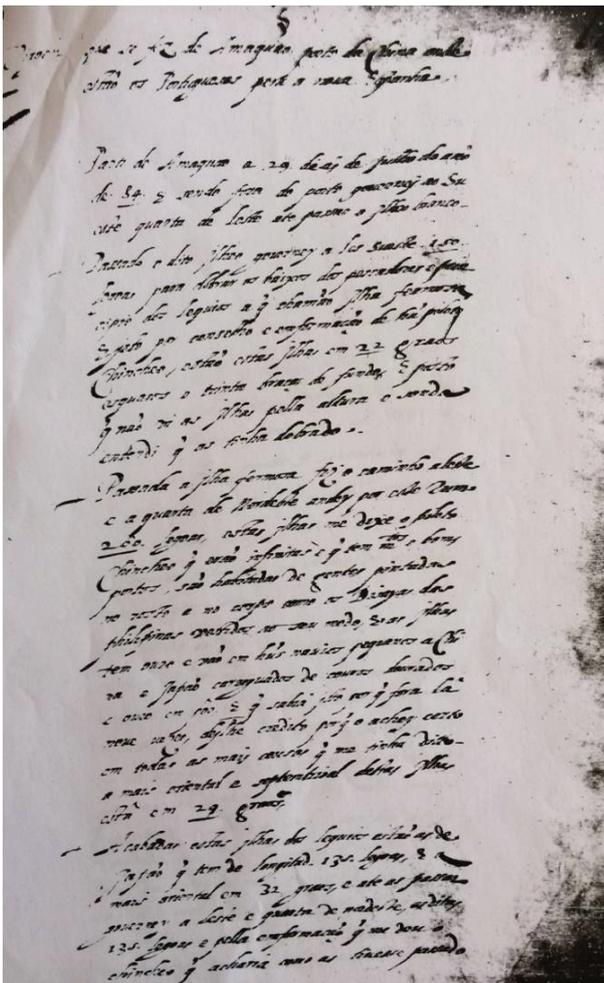
Couto afirma, por exemplo, que Francisco Gali teria dado o nome de «Armonicas» às ilhas situadas para leste do Japão, topónimo que não se encontra na obra do viajante holandês.³⁵ Mas, curiosamente, a Biblioteca Nacional de Portugal conserva hoje um manuscrito do roteiro da viagem de Francisco Gali entre Macau e Acapulco, o qual está redigido na primeira pessoa, em língua portuguesa, e poderá datar de finais do século XVI: «Viagem que se fez de Amaquao porto da China onde estão os Portugueses pera a Noua Espanha».³⁶ Tratar-se-á talvez de alguma das cópias oriundas de Macau, onde os textos de Gali teriam sido copiados

em português. E esta versão manuscrita aproxima-se bastante do texto de Diogo do Couto, descontando as habituais adaptações e os inevitáveis erros de cópia típicos das *Décadas* coutianas.³⁷ Pormenor interessante, o manuscrito português refere a propósito destas ilhas: «pulshe nome armenicão & acheas pouco distantes donde me tinha dito o piloto chim».³⁸ Trata-se de um documento em extremo relevante, que decerto merece uma maior divulgação.³⁹

A chegada de Francisco Gali a Acapulco, com notícias sobre a exploração de regiões desconhecidas do Pacífico, causou algum alvoroço na Nova Espanha. O arcebispo do México, D. Pedro Moya de Contreras, que entre 1584 e 1585 exercia também as funções de

vice-rei da Nova Espanha, escreveria a el-rei Felipe II que Gali era homem experiente em navegações transpacíficas, pelo que o despachava de imediato de volta a Manila, com o encargo de aprofundar as suas explorações geográficas.⁴⁰ Assim, nos primeiros meses de 1585 Francisco Gali fazia-se de novo à vela do litoral da Nova Espanha, com rumo a Manila, levando instruções bem explícitas para que, como escreveria no ano seguinte o novo vice-rei Marquês de Villamanrique, «demarcase la tierra firme del Xapón, islas del Armenio y todas las demás de que tubiese razón y noticia en aquel Mar del Sur». Além disso, deveria efectuar a sua viagem de regresso «en la mayor altura qu'el tiempo le diese lugar hasta tomar la costa d' esta Nueva España», para depois a vir explorando cuidadosamente, «demarcándolo todo».⁴¹ Nada de especial se consegue apurar sobre a viagem entre Acapulco e as Filipinas, mas o experimentado navegador não chegaria a cumprir as ordens recebidas, pois faleceria em Manila em meados de 1585, pouco tempo depois de ali desembarcar.⁴²

Os roteiros de Francisco Gali, entretanto, continuariam a circular na Europa e a despertar intensa curiosidade, sobretudo em Inglaterra, por obra de Richard Hakluyt, o célebre compilador e publicista de relatos de viagem e exploração.⁴³ Com efeito, foi a instâncias de Hakluyt que a obra de Linschoten foi traduzida para inglês e publicada em Londres em 1598, como *His discours of voyages into ye East & West Indies*.⁴⁴ A secção de roteiros tinha uma portada própria, e incluía os três textos de «Franciscus de Gualle».⁴⁵ Uma curiosa nota final, decerto da autoria de Linschoten, referia que o texto original de Gali fora traduzido «out of Spanish into low Dutch *verbatim* out of the Originall copie, that was sent unto the Viceroy of the Portingall Indies».⁴⁶ Assim, parece desvendada a forma como este documento terá chegado a Goa, oriundo de Macau ou de Manila, dirigido ao cuidado de D. Duarte de Meneses, vice-rei do Estado da Índia entre 1584 e 1588, cujo governo indiano é tratado precisamente na *Década Décima* de Diogo do Couto.



Francisco Gali, «Viagem que se fez de Amaquao porto da China». Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 637.

ROTAS MARÍTIMAS

O próprio Richard Hakluyt, dois anos depois da primeira edição inglesa dos textos de Francisco Gali, viria a incluí-los na segunda edição da sua monumental compilação *The Principal navigations*,



Tradução inglesa do *Reys-gheschrift* de Jan Huygen van Linschoten (Londres, 1598). In <https://books.google.at/>.

voies, traffiques and discoveries of the English Nation, que começou a ser publicada em Londres em 1598.⁴⁷ Os três roteiros, com o título «The memorable voyage of Francis Galle a Spanish captaine and pilot», figuravam no terceiro volume, que saiu a público em 1600.⁴⁸ Hakluyt menciona expressamente estes textos na introdução à sua compilação, sublinhando a extraordinária importância das viagens de Gali, no contexto da exploração marítima europeia, já que o navegador ao serviço de Espanha

demonstrara de forma inequívoca que existia um vasto oceano entre a Ásia e a América, em oposição a algumas teorias cartográficas então em voga, que sugeriam a existência de um hipotético estreito de Anian.⁴⁹ Não podemos esquecer que por esses anos os ingleses buscavam intensamente um caminho marítimo setentrional para o Oriente, que servisse de alternativa quer à rota do Cabo, utilizada pelos portugueses, quer à rota do Estreito de Magalhães, usada pelos espanhóis.⁵⁰ Assim, a fama de Francisco Gali está sobretudo ligada à enorme projecção que Richard Hakluyt lhe concedeu, através da inclusão dos três roteiros na sua monumental compilação.

Nas primeiras décadas do século XVIII, um conhecido reportório bibliográfico, editado pelo erudito Andrés González de Barcia, fará referência a uma edição impressa em 1619 de um dos roteiros de Gali:

Francisco Guelle. *Diario de La Navegacion, que hizo el año de 1582. con orden del Rei D. Felipe II. à buscar paso al Japon por el Norte, i el Oriente*, imp. 1619.⁵¹

Esta obra não parece ter sido localizada até à data. Mas a primeira edição da obra de Antonio León Pinelo, impressa em Madrid em 1629,⁵² não continha qualquer referência a «Francisco Guelle», pelo que esta terá sido uma das muitas adições introduzidas pelo erudito González de Barcia na segunda edição do catálogo bibliográfico, talvez a partir de informação colhida em alguma edição das obras de Linschoten.⁵³

Francisco Gali, numa anotação final ao terceiro dos seus roteiros, comprometia-se a desenhar uma carta graduada que desse devida conta da sua travessia do Pacífico.⁵⁴ Contudo, nenhum mapa correspondendo a estas características foi até hoje localizado.⁵⁵ Mas valerá a pena referir que o segundo volume da segunda edição das *Principal navigations* de Richard Hakluyt, impresso em Londres em 1599, incluía um mapa-mundo desenhado pelo cartógrafo inglês Edward Wright, que apresentava uma síntese

SEA ROUTES

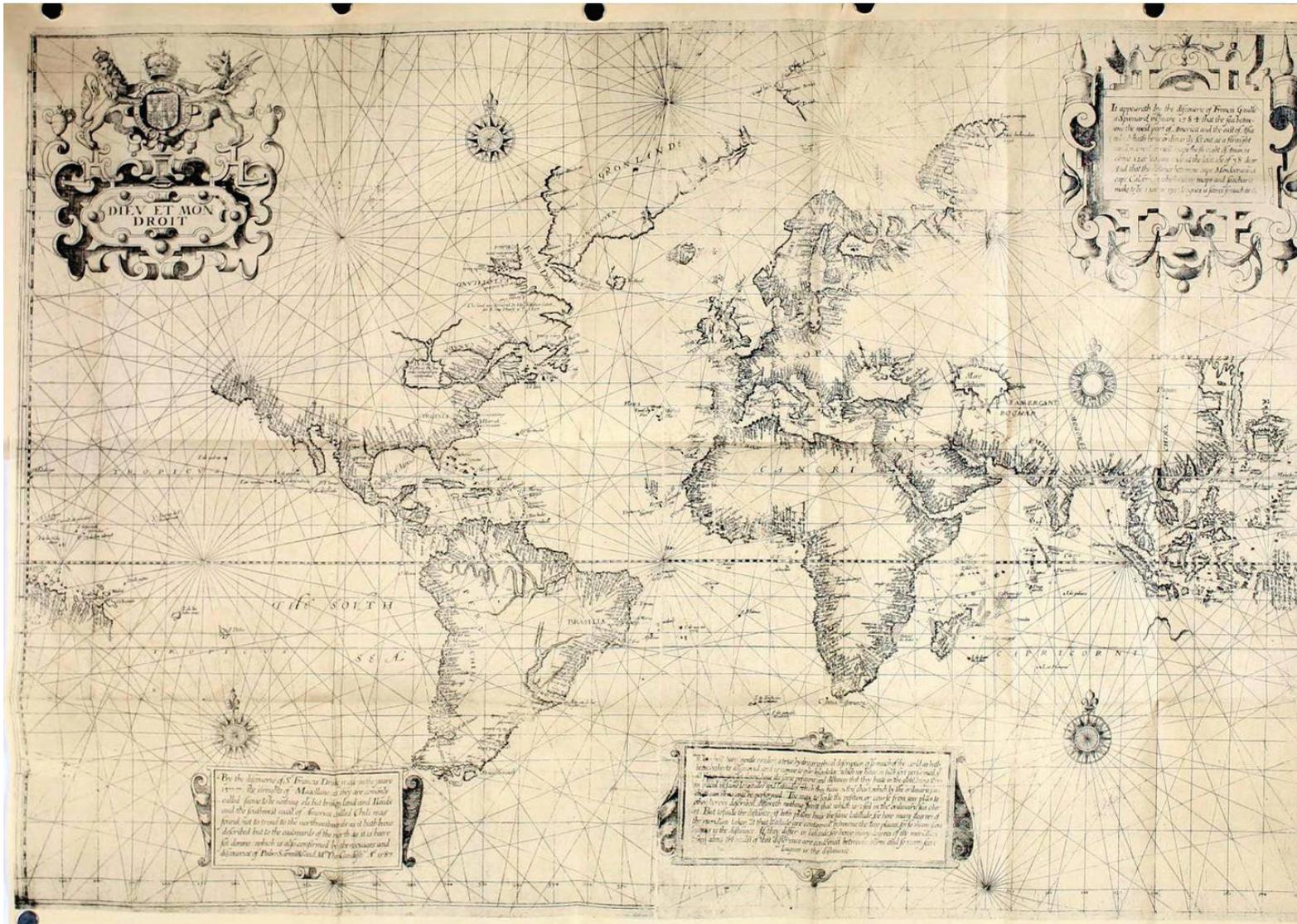
bastante atualizada dos conhecimentos europeus na época, com base sobretudo em materiais de origem portuguesa e espanhola.⁵⁶ Ora, uma legenda incluída no canto superior direito deste mapa fazia referência explícita a Francisco Gali [gravura 16]:

It appeareth by the discoverie of Francis Gaulte a Spaniard in the year 1584 that the sea betweene the west part of America and the east of Asia which hath bene ordinarily set out as a straight and named in most maps the Straight of Anian is aboute 1200 leagues broade at the latitude of 38 degrees. And that the distance betweene cape Mendocino and cape California which many maps and seacharts make to be 1200 or 1300 leagues is scarce so much as 600.

A legenda destacava devidamente a importância da viagem de Francisco Gali na determinação da verdadeira extensão da secção setentrional do Pacífico e na refutação da existência do estreito de Anian. Esta dimensão, de resto, era sugerida na parte superior esquerda do mapa de Edward Wright, onde a costa noroeste da América, ao contrário do que sucedia em muitas cartas anteriores, já não se estendia para oeste, até às imediações da parte nordeste do continente asiático. Teria Edward Wright utilizado algum esboço cartográfico preparado por Francisco Gali?

Foi já sugerido que a viagem de Francisco Gali entre Macau e Acapulco teria sido propositadamente encomendada pelas autoridades espanholas da Nova

Planisfério de Edward Wright (Londres, 1599).

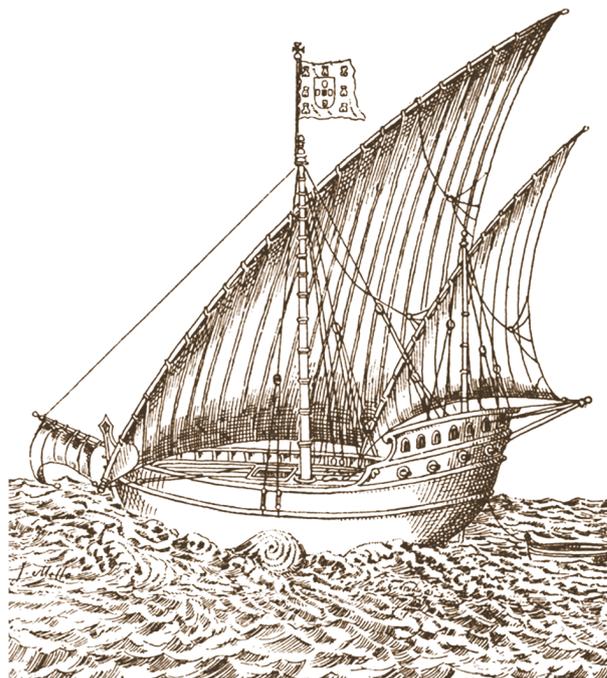


ROTAS MARÍTIMAS

Espanha, no sentido de apurarem da viabilidade de alterar de forma permanente a rota do galeão de Manila, situando uma das suas extremidades no litoral da China.⁵⁷ Assim, os espanhóis conseguiriam acesso directo aos mercados chineses, com todas as vantagens daí inerentes. Contudo, as evidências documentais disponíveis não parecem confirmar esta hipótese, que de resto era veementemente afastada por instruções oficiais oriundas de Madrid, de Lisboa e também de Goa. Uma carta de el-rei Felipe II, datada de 1586 e dirigida ao vice-rei da Nova Espanha, era a esse respeito bem explícita, sublinhando de forma muito clara todas as desvantagens que poderiam advir para a fazenda régia caso essa opção fosse implementada.⁵⁸ A divisória definida pelo chamado anti-meridiano de Tordesilhas deveria ser devidamente implementada pelas autoridades portuguesas de Macau e espanholas de Manila, mesmo no novo contexto da União Ibérica. Mas é preciso não esquecer que diversificados interesses se cruzavam em assuntos relacionados com o Pacífico: as opções estratégicas do monarca espanhol e dos seus mais próximos conselheiros nem sempre coincidiam com as preferências das autoridades vice-reinais ou com os interesses de sectores mercantis estabelecidos na América e nas Filipinas.

Eis o que se consegue apurar sobre Francisco Gali, que nos aparece como um navegador e cartógrafo experimentado, que deu um contributo relevante para a exploração do Pacífico nos anos finais do século XVI. As suas viagens relacionam-se certamente com o estabelecimento de um regular trajecto para a viagem do galeão de Manila; mas é possível também associá-las a duas conjunturas distintas. Por um lado, Gali aparece ligado às movimentações de carácter sobretudo mercantil (mas não só) desencadeadas a partir da América em direcção à China, e mais especificamente a Macau, na sequência da União Ibérica. O mundo chinês constituía então um fortíssimo pólo de atracção para os espanhóis, que sem sucesso com ele tentaram estabelecer uma relação directa, quer a partir de Acapulco, quer por via de Manila.⁵⁹ Por outro lado, Gali aparece tam-

bém envolvido no intenso movimento de exploração geográfica das zonas mais setentrionais do Pacífico, que visavam simultaneamente desvendar as reais dimensões desta imensa massa oceânica, comprovar a existência a norte de uma ligação marítima com o Atlântico e reconhecer a costa noroeste da América, para norte da Califórnia, na tentativa de aí localizar um ancoradouro que servisse de apoio às viagens de regresso de Manila a Acapulco.⁶⁰ O navegador foi um dos muitos técnicos que no âmbito ibérico contribuíram para o reconhecimento e a cartografia de vastas regiões do então pouco conhecido Mar do Sul ou Oceano Pacífico. **RC**



APÊNDICE

Viagem que se fez de Amaquao porto da China onde estão os Portugueses pera a Noua Espanha.⁶¹

140vl Parti de Amaquao a 29 dias de Julho do ano de 84. E sendo fora do porto gouerney ao sueste quarta de leste ate passar o jlheo Branco.

Passado o dito jlheo gouerney a les sueste 150. legoas para dobrar os baixos dos Pescadores e principio dos Lequios a que chamão jlha Fermosa. E isto por conselho e emformação de hñ piloto chincheo. Estão estas jlhas em 22 graos esquasos e trinta braças de fundo. E posto que não vi as jlhas polla altura e sonda entendi que as tinha dobrado.

Passada a jlha Fermosa fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste andey por este rumo 260. legoas, estas jlhas me dixee o piloto chincheo que erão infinitas, e que tem muitos e bons portos, são habitadas de gentes pintadas no rosto e no corpo como os Bisayas das Philipinas vestidos ao seu modo. E as jlhas tem ouro e vão em hñs nauios pequenos a China e Japão carreguados de couros laurados e ouro em pôo. E que sabia isso por que fora la noue uezes, dej lhe credito por que o achei certo em todas as mais cousas que me tinha ditto. a mais oriental e septentrional destas jlhas está em 29 graos.

Acabadas estas jlhas dos Lequios estão as de Japão que tem de longitude 135 legoas, e a mais oriental em 32 graos, e ate as passar gouerney a leste e quarta de nordeste, as ditas 135 legoas e pella emformação que me deu o chincheo que acharia como as tivesse passado 140vl dahi a 700 legoas quatro jlhas juntas as quaes como me dixee e que o sabia porque uira em Japão hñs hom's pequenos de corpo, de grandes espadas com grande soma de touquas nas cabeças, as fazendas que trazião pera vender erão ouro em poo e panos d algodão e pescado salgado como atum. E dezião que vinhão de huãs jlhas que estão mais ao levãte de Japão pola emformação quedavão entê di que demoravão a hñ certo rumo pus lhe nome Armenicão E acheas pouco distantes donde me tinha dito o piloto chim. E tambem me affirmou que em todas as jlhas do Japão auia bons portos. E a terra em sy muito abastada de todos os mantimentos necessarios, e a gente muy entendida. E tem muita prata pola auer na terra de grãdes minas que tem.

Gouernando ao dito rumo de leste quarta de nordeste tendo andado 300 legoas ao oriente do Japão, achei hñ mar de leuadia que vinha do norte e de noroeste mar de grande vagar espazoso sem poder fazer prejuizo nhum e não se apagaua nê leuãtaya cõ nhum outro uento que ventasse e assim o achei sempre ate o ter andado mais de 700 legoas e sendo 200 legoas da costa da Noua Espanha se me acabou este mar, sem fiqar delle sinal por onde entendi ser canal que vay entre a terra firme da Noua Espanha, e Asia Menor e Tartaria.

Tambem achei nas ditas 700 legoas grande numero de baleas, atũs, albacoras, bonitos, que são pescados que geralmête andão em canais e correntes pera nelles desouarem e fazerê sua criação por onde creio ser canal.

Jndo pelo rumo chegando a costa da Noua Espanha tiue vista della 37. graos e 1/2. a terra em si alta bem asombrada cuberta d arvores e sem neues a quatro legoas da terra ha grandes balsas de raizes e folhas d arvores e canas e muitos lobos marinhos por onde creio que deue d auer muitos rios e bõs portos em toda esta costa ate o porto de Capulco.

Daqui gouernej ao sueste e quarta do sul e ao sueste quarta de leste como achaua o vento ate o cabo de S. Lucas que está na entrada de California em 22. graos e 50 legoas do cabo Mondocine.

Neste caminho das 500 legoas ao longo da costa há muitas jlhas que ajnda que são pequenas não pode deixar de auer nellas muito bons portos, as sabidas são estas, jlha de Sto. Agostinho, em 30 graos 3/4. Jlha dos Sedros em 28 graos 1/4. Jlha dos Baixos de S. Martinho em 23 graos e todas estas terras abitadas e ao meu parecer boas por que vi fogos de noite e fumo de dia.

Do cabo de S. Lucas ate outra banda do sueste de California gouerney a les sueste 80. legoas ate o cabo das Correntes que esta em 19. graos 3/4. E por este caminho vi ao norte hñ'a legoa, tres jlhas que se chamão as Tres Marias arrumadas ao mesmo rumo 4. legoas hñ'a da outra, e cada hñ'a dellas sera de duas legoas e mea. aqui achei grandes correntes pera o sueste, em todas estas 80. legoas de California.

Do cabo das Correntes gouernej ao sueste e quarta de leste, 130. legoas ate o porto de Capulco e por este caminho 20 legoas andadas esta o porto de Nauidade, e a 8 mais o porto de Santiago, e a 6. mais andadas a praya de Colyma, e toda esta costa ate o porto he habitada de gente de paz.

ROTAS MARÍTIMAS

NOTAS

- 1 A presente investigação desenvolveu-se no âmbito do «Proyecto PAPIIT IN402114-3», do Instituto de Investigaciones Históricas, Universidad Nacional Autónoma de México.
- 2 Sobre as obras de João de Barros, ver Charles R. Boxer, *João de Barros: Portuguese Humanist and Historian of Asia* (Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1981).
- 3 A respeito da obra de Couto, ver Rui Manuel Loureiro & Maria Augusta Lima Cruz (eds.), *Diogo do Couto: História e Intervenção Política de um Escritor Polémico* (Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2019).
- 4 Ver Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998).
- 5 Diogo do Couto, *Da Ásia – Décadas*, ed. Nicolau Pagliarini, 15 vols. (Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973-1975), déc. X, liv. 5, cap. 3, pp. 493-505.
- 6 Uma das poucas contribuições sobre Gali deve-se a José Alberto Barata, «De Macau à América. Uma viagem em 1584 (O reverso de Tordesilhas ou ‘The Missing Link?’)», in Artur Teodoro de Matos & Luís Filipe Thomaz (eds.), *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos – Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Angra do Heroísmo: Barbosa & Xavier, Lda., 1998), pp. 699-708. Para alguma da documentação básica, ver Emma H. Blair & James A. Robertson (eds.), *The Philippine Islands, 1493-1803*, 55 vols. (Cleveland, Ohio: The A. H. Clark Company, 1903-1909), vol. VI, pp. 69, 262, 263 e 307 (disponível em: <http://philhist.pbworks.com/w/page/16367055/ThePhilippineIslands> [acesso em 13-07-2019]).
- 7 Diogo do Couto, *Da Ásia*, déc. X, liv. 5, cap. 3, p. 493.
- 8 Sobre o galeão de Manila, ver William L. Schurtz, *El galeón de Manila*, ed. Leoncio Cabrera & trad. Pedro Ortiz Armengol (Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1992); e também Shirley Fish, *The Manila-Acapulco Galleons: The Treasure Ships of the Pacific* (Milton Keynes: Author House, 2011).
- 9 Ver uma edição desta relação em René Acuña (ed.), *Relaciones geográficas del siglo XVI: Tlaxcala*, 2 vols. (México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984).
- 10 Para uma abordagem recente, ver Antonio Sánchez Martínez & José Pardo Tomás, «Between imperial design and colonial appropriation: the *Relaciones Geográficas de Indias* and their *pinturas* as cartographic practices in New Spain», *Bulletin for Spanish and Portuguese Historical Studies*, vol. 39, n. 1, 2014, pp. 1-20.
- 11 O documento conserva-se hoje na Real Academia de la Historia, em Madrid, e está disponível on-line em cópia digital: <http://bibliotecadigital.rah.es/> (acesso em 13-07-2019).
- 12 Sobre esta carta, ver Carmen Manso Porto, «Los Mapas de las Relaciones Geográficas de Indias de la Real Academia de la Historia», *Revista de Estudios Colombinos*, n. 8, 2012, pp. 23-52, que refere a origem alegadamente «sevillana» de Francisco Gali. Para o contexto cartográfico mais genérico, ver Barbara Mundy, *The Mapping of New Spain: Indigenous Cartography and the Maps of the Relaciones Geográficas* (Chicago: The University of Chicago Press, 1996).
- 13 Para uma reprodução do mapa original, que se conserva numa das colecções da biblioteca da University of Texas at Austin, ver Barbara Mundy, *The Mapping of New Spain*, p. 24.
- 14 As «relaciones» de Coatzacoalcos e de Tehuantepec foram publicadas em René Acuña (ed.), *Relaciones geográficas del siglo XVI: Antequera*, 2 vols. (México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984).
- 15 Tal é a conclusão de Barbara Mundy, *The Mapping of New Spain*, pp. 50-55.
- 16 Sobre o viajante holandês e as suas obras, ver a introdução a Jan Huygen van Linschoten, *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, ed. Arie Pos & Rui Manuel Loureiro (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997), pp. 9-42.
- 17 Jan Huygen van Linschoten, *Reys-gheschrift van de navigatien der Portugaloyers in Orienten* (Amesterdão: Cornelis Claesz, 1595), pp. 101-105. Utilizo uma posterior tradução francesa: Jan Huygen van Linschoten, *Le Grand Routier de Mer* (Amesterdão: Evert Cloppenburg, 1638), pp. 120-124.
- 18 Para uma síntese sobre a vida deste singular personagem, ver Arie Pos, «Dirck Gerritsz Pomp e Jan Huygen van Linschoten, amigos-aventureiros na Índia portuguesa e pioneiros da expansão marítima holandesa», *Revista Portuguesa de História do Livro*, n. 5, 1999-2000, pp. 57-92.
- 19 Jan Huygen van Linschoten, *Le Grand Routier*, pp. 120-122.
- 20 Jan Huygen van Linschoten, *Le Grand Routier*, pp. 122-123.
- 21 Ver Benjamim Videira Pires, *A viagem de comércio Macau – Manila nos séculos XVI a XIX* (Macau: Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1987); José Manuel García, «Relações históricas entre Macau e as Filipinas: uma perspectiva portuguesa», *Anuario de Estudios Americanos*, vol. 65, n. 2, 2008, pp. 39-70; e também Rui d'Ávila Lourido, «O Comércio de Macau com as Filipinas: Galeão de Manila – Grande Nau de Macau», *Revista de Cultura / Review of Culture*, n. 32, 2009, pp. 53-72.
- 22 Ver documentação transcrita em Francisco Colín, *Labor evangélica de los obreros de la Compañía de Jesús en las Islas Filipinas*, ed. Pablo Pastells, 3 vols. (Barcelona: Imprenta y Litografía de Henrich y Compañía, 1900-1902), vol. I, pp. 309-325. Este curioso episódio, que mereceria um estudo aprofundado, foi tratado por Fernando Iwasaki Cauti, *Extremo Oriente y Perú en el Siglo XVI* (Madrid: Editorial MAPFRE, 1992), pp. 62-73.
- 23 Para uma perspectiva geral, ver Rafael Valladares, *Castilla y Portugal en Asia (1580-1680): Declive imperial y adaptación* (Lovaina: Leuven University Press, 2001).
- 24 Sobre Alonso Sanchez, ver Manel Ollé, *La empresa de China: De la Armada Invencible al Galeón de Manila* (Barcelona: El Acatilado, 2002).
- 25 Carta de 22-06-1584, citada por Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, 3 vols. (Madrid: Alianza Editorial & Sociedad Quinto Centenario, 1989), vol. III, p. 129.
- 26 Ver Benjamin Videira Pires, *A viagem de comércio*, p. 9.
- 27 Jan Huygen van Linschoten, *Le Grand Routier*, pp. 123-124.
- 28 Ver Rui Manuel Loureiro, «The Macau-Nagasaki Route (1570-1640): Portuguese Ships and their Cargoes», in Richard W. Unger (ed.), *Shipping and Economic Growth 1350-1850* (Leiden: Brill, 2011), pp. 189-206.

- 29 Sobre a rota dos galeões espanhóis, ver William L. Schurtz, *El galeón de Manila*, pp. 203-229.
- 30 A busca destas míticas ilhas é abordada em Edmond Chassigneux, «Rica de Oro et Rica de Plata», *T'oung Pao*, vol. XXX, 1933, pp. 37-84; e também, mais recentemente, em Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, vol. III, pp. 126-147.
- 31 Jan Huygen van Linschoten, *Le Grand Routier*, p. 124.
- 32 A respeito da exploração da Califórnia, ver Miguel León-Portilla, *Cartografía y crónicas de la antigua California* (México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2001).
- 33 Diogo do Couto, *Da Ásia*, déc. X, liv. V, cap. 3, pp. 493-505.
- 34 Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 321-322.
- 35 Diogo do Couto, *Da Ásia*, déc. X, liv. V, cap. 3, p. 502.
- 36 Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 637, fls. 140r-141v. Este interessante códice foi sumariado e comentado em Manuel Ruela Pombo, *Cinzas de Lisboa - Terceira Série* (Lisboa: Empresa da Revista «1640», 1952), pp. 81-106. O texto do roteiro foi primeiro publicado em língua inglesa por E. W. Dahlgren, «Where the Hawaiian Islands visited by the Spaniards before their discovery by Captain Cook in 1778?», *Kundliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, vol. 57, n. 4, 1916, pp. 1-222 (cf. pp. 45-47), obra disponível em archive.org (acesso em 13-07-2019). Houve também uma pouco conhecida edição em língua portuguesa em Rosa Capeans, «Três documentos para a história das Navegações», in Júlio Dantas (dir.), *Congresso do Mundo Português - Publicações*, 19 vols. (Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1940), vol. XI, pp. 289-301 (cf. pp. 299-300).
- 37 Para uma comparação, ver Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto*, pp. 333-335.
- 38 Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 637, fl. 140v.
- 39 O documento é transcrito mais abaixo, no Apêndice. Ver uma primeira abordagem em Rosa Capeans, «Três documentos para a história das Navegações», pp. 294-296, que embora não identifique o autor do roteiro, sugere que o topónimo «armenicão» poderia ser identificado com as ilhas Aleutas. Ver também, a respeito deste roteiro, José Alberto Barata, «De Macau à América», pp. 699-708.
- 40 Carta de 22-01-1585, citada por María M. Portuondo, *Secret Science: Spanish Cosmography and the New World* (Chicago: The University of Chicago Press, 2009), p. 91.
- 41 Carta de 10-05-1586, citada por Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, vol. III, p. 130.
- 42 Juan Gil, *Mitos y utopías del Descubrimiento*, vol. III, p. 130.
- 43 Sobre Hakluyt, ver Peter C. Mancall, *Hakluyt's Promise: An Elizabethan's Obsession for an English America* (New Haven & Londres: Yale University Press, 2007).
- 44 Jan Huygen van Linschoten, *His discours of voyages into ye East & West Indies*, trad. William Philip (Londres: John Wolfe, 1598).
- 45 Jan Huygen van Linschoten, *His discours of voyages*, pp. 411-416.
- 46 Jan Huygen van Linschoten, *His discours of voyages*, p. 416.
- 47 Richard Hakluyt (ed), *The Principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the English Nation*, 3 vols. (Londres: George Bishop, Ralph Newberie & Robert Barker, 1598-1600).
- 48 Richard Hakluyt (ed), *The Principal navigations*, vol. III, pp. 442-447.
- 49 Sobre o Estreito de Anian, ver o clássico George E. Nunn, *Origin of the Strait of Anian concept* (Filadélfia: edição de autor, 1929); e também Frédéric Regard (ed.), *The Quest For The Northwest Passage: Knowledge, Nation and Empire, 1576-1806* (Londres: Pickering & Chatto, 2013), pp. 15-40.
- 50 Ver, a propósito, Helen Wallis, «The Pacific», in David B. Quinn (ed.), *The Hakluyt Handbook*, 2 vols. (Londres: The Hakluyt Society, 1974), vol. I, pp. 223-233.
- 51 Antonio de León Pinelo, *Epítome de la biblioteca Oriental y Occidental, nautica y geografica*, ed. Andrés González de Barcia, 3 vols. (Madrid: Oficina de Francisco Martínez Abad, 1737-1738), vol. III, col. 1728.
- 52 Ver um fac-símile da primeira edição em Antonio León Pinelo, *Epítome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Náutica i Geográfica*, ed. Diego Luís Molinari & Juan Roldán (Buenos Aires: Edición Bibliófilos Argentinos, 1919).
- 53 Sobre esta interessante figura, ver Jonathan Earl Carlyon, *Andrés González de Barcia and the Creation of the Colonial Spanish American Library* (Toronto: University of Toronto Press, 2005).
- 54 Ver Johann G. Kohl, *A Descriptive Catalogue of Those Maps, Charts and Surveys Relating to America which are mentioned in Vol. III of Hakluyt's Great Work* (Washington, D.C.: Henry Polkinhorn, 1857), p. 61.
- 55 Ver levantamento da cartografia do Pacífico em Thomas Suárez, *Early Mapping of the Pacific* (Singapura: Periplus, 2004). Para uma reprodução do mapa de Edward Wright, ver Kenneth Nebenzahl, *Atlas of Columbus and the Great Discoveries* (Chicago / Nova Iorque / São Francisco: Rand McNally & Company, 1990), pp. 156-159.
- 56 Sobre este mapa, ver Helen Wallis, «Edward Wright and the 1599 world map», in David B. Quinn (ed.), *The Hakluyt Handbook*, vol. I, pp. 69-73; e também Garry D. Gitzen, «Edward Wright's World Chart of 1599», *Terrae Incognitae*, vol. 46, n. 1, 2014, pp. 3-15.
- 57 José Alberto Barata, «De Macau à América», pp. 707-708.
- 58 Carta de 18-06-1586, citada em Juan Gil, *La India y el Lejano Oriente en la Sevilla del Siglo de Oro* (Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla & Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla, 2011), pp. 184-185.
- 59 Ver, sobre esta questão, Manel Ollé, *La empresa de China*.
- 60 A respeito destas questões, ver a síntese de O. H. K. Spate, *The Pacific since Magellan: The Spanish Lake* (Camberra: Australian National University Press, 1979).
- 61 Transcrição feita a partir de BNP, Códice 637, fls. 140r-141v, confrontada com a edição de Rosa Capeans, «Três documentos para a história das Navegações», pp. 299-300. A transcrição respeita o original, desenvolvendo-se as abreviaturas e normalizando-se as maiúsculas.